

IN MEMORIAM

Paulo Cunha e Silva (1962-2015)

Acreditava que só é possível construir um projecto de organização cultural a partir da colaboração alargada de uma multiplicidade de vozes e esforços. Modesto, afável no trato, disponível em todos os momentos, não sabia eximir-se a obstáculos. A sua mão acabava por sobressair de tudo quanto fazia, com a mesma naturalidade com que respirava.

Foi essa mesma aposta numa rede de intercâmbio luso-italiana a levá-lo até Roma, onde entre 2009 e 2012 assumiu as funções de Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal. Em 2011 passou a integrar o Conselho Científico da revista *Estudos Italianos em Portugal*.

A densidade, a dinâmica e a riqueza das relações entre Portugal e Itália ao longo dos séculos, no domínio da cultura e das artes, ofereceram-se assim a Paulo Cunha e Silva como campo privilegiado donde brotaram algumas das páginas mais vivas da sua carreira. À escassez dos recursos orçamentais disponíveis, sobrepôs um trabalho intensíssimo de contactos, colaborações e sinergias que o levou a percorrer a Itália de lés-a-lés. Visitou as instituições onde se ensinava Língua e Literatura Portuguesas, reconhecendo investimentos, avaliando virtualidades e analisando problemas. Para cada questão, sabia sempre encontrar a solução mais adequada

e realista, que inevitavelmente passava por um cruzamento sinérgico. Foram anos fulcrais para a difusão e a afirmação da cultura portuguesa em Itália.

Numa entrevista dada a 2 de Outubro de 2015, ou seja, menos de um mês antes do seu inesperado falecimento (depois divulgada por *O Público*, 11-11-2015), recorda, em jeito de balanço, como conseguiu introduzir a “marca” Portugal em Itália. Aquilo com que deparara à chegada era “um conjunto de estrelas que não conseguem formar uma constelação”. José Saramago, Fernando Pessoa, Manoel de Oliveira, Siza ou Mourinho eram nomes bastante conhecidos, contudo faltava uma ideia de país e a sua diplomacia cultural soube encontrar as vias adequadas, para que a imagem de Portugal pudesse ganhar contornos mais precisos e envolventes. Quando leva Rui Chafes até às igrejas rupestres de Matera, identifica um local de excelência para a instalação da sua escultura. Mas leva também o artista português até Pier Paolo Pasolini e Mel Gibson, que filmaram em Matera, pela Via Sacra que foi construindo a cultura europeia, em continuidade, desde os seus tempos mais ancestrais até hoje.

O percurso intelectual de Paulo Cunha e Silva formou-se a partir de um denso cruzamento de contributos disciplinares e de experiências profissionais. Nascido em Beja, licenciou-se em Medicina no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, onde também obteve os títulos de mestre e de doutor com uma investigação dedicada ao estatuto do corpo na contemporaneidade. De entre os inúmeros trabalhos que dedicou ao tema, recorde-se a sua obra de fundo *O lugar do corpo. Elementos para uma cartografia fractal* (2007). Ensinou nesse Instituto e depois na Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto.

Paralelamente, a sua dedicação às artes plásticas, à curadoria e ao jornalismo ia-se tornando cada vez mais intensa. Começou a trabalhar com a Fundação de Serralves na década de 1990,

como crítico de arte, tendo desenvolvido muitos projectos e comissariado várias exposições, e a partir de 2000 assumiu a coordenação científica dos Estudos Contemporâneos. Foi responsável pelas áreas de Pensamento, Ciência, Literatura e Projectos Transversais de Porto 2001 Capital Europeia da Cultura e dirigiu o Instituto das Artes do Ministério da Cultura de 2003 a 2005. À Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012 apresentou o trabalho *O Castelo em 3 actos*. Regressado de Roma, retomou a actividade docente na Universidade do Porto e lançou-se num novo projecto, inserido na esfera autárquica, como Vereador da Cultura da Câmara do Porto. A sua actividade mereceu a distinção de “Chevalier dans l’Ordre des Arts et des Lettres” que lhe foi atribuída pelo Ministério da Cultura do governo francês.

Na noite de 11 de Novembro de 2015, perdeu-se uma personalidade da cultura portuguesa e europeia que, conhecendo a fundo o significado das relações culturais entre Portugal e Itália, fazia delas uma obra com futuro, em prol do desenvolvimento de contactos sempre mais ricos e profícuos entre os dois países. De entre esses projectos, contava-se o apoio que sempre manifestou à introdução da língua italiana nas escolas portuguesas, como essencial medida de jus que havia de espelhar a já efectivada introdução do português nas escolas italianas. Considerava-a uma alavanca fundamental para o fortalecimento das relações culturais e económicas entre os dois países.

Aos que com ele contactaram, deixa a lembrança de um sorriso confiante e atento, próprio de quem sabe que o dia de hoje é aquele em que se constrói o amanhã, num exemplo de dedicação às artes e ao intercâmbio cultural. RITA MARNOTO